

EDITORIAL

A INSISTÊNCIA DO DESEJO DE TRANSMISSÃO: A TRANSDISCIPLINARIDADE EM ATO

Denise Maurano¹

Joana Souza²

Renata Mattos Avril³

O caráter transdisciplinar deste periódico é demonstrado, não só na multiplicidade de temas abordados pelos autores que publicamos, mas também em ato. A proposta da *Psicanálise & Barroco em revista* surgiu em um curso de Psicologia, tendo sido idealizada pela Profa. Denise Maurano que, naquela época, fazia parte do corpo docente da Universidade Federal de Juiz de Fora. Anos depois, com sua redistribuição para a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e sua inserção no Programa de Pós-Graduação em Memória Social, a revista, que cruzou as fronteiras das minas gerais com sua criadora, passou a compor a linha de pesquisa “Memória, subjetividade e criação”, do PPGMS. Acontece que, em um dado momento Denise Maurano, decide se “aposentar” de sua função como Professora Titular da UNIRIO e a revista migrou, desta vez para o Departamento de Fundamentos da Educação, onde foi gentilmente acolhido pela Profa. Dra. Lucia de Freitas Perez, que passou a fazer parte de nosso quadro editorial.

A décima nona edição da *Psicanálise & Barroco em revista* tem um sentido especial para nós editores, dado que são dezenove anos de insistência na transmissão da psicanálise e de suas conexões por meio da escrita. Nesse tempo, várias mãos

¹ Editora chefe do Periódico *Psicanálise e Barroco em revista*. Professora Titular aposentada do Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3498-3773>

² Gerente de edição do Periódico *Psicanálise e Barroco em revista*. Doutora em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4294-2883>

³ Editora da seção temática “A psicanálise, a voz, a memória e as musicalidades” com Pós-doutorado pela Universidade de Nice Sophia-Antipolis, Doutora em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8961-9840>

ajudaram a sustentar esse projeto permeado pela ética e pelo acolhimento. Não temos como mencionar aqui todos os que já colaboraram, desde alunos bolsistas da graduação, do mestrado e doutorado, e professores engajados com a proposta, mas queremos agradecer a todos que de alguma forma acreditaram que era possível dar continuidade a esse projeto, a despeito de todas as dificuldades, de todos os percalços que surgiram ao longo do caminho. Esperançosos de que este novo ciclo que se inicia seja permeado pela fecundidade, os convidamos a ler os belíssimos artigos que compõem o volume 1 da décima nona edição da *Psicanálise e Barroco* em revista.

Nesse número, em nossa seção temática, dando continuidade às publicações em torno da voz, da música, da musicalidade e da memória em diálogo com a psicanálise, trazemos na seção temática desta edição três escritos que nos fazem percorrer incidências da pulsão invocante que transmitem, por vias distintas, a presença tanto do gozo no *parlêtre* quanto do corte estrutural que é preciso nele operar para que a fala ganhe corpo.

A voz que canta, grita e faz dançar com as marcas e vivências de um povo. A voz que murmura e faz despertar o que de mais arcaico e íntimo foi ouvido. A voz do pai que estrutura a lei regulando o gozo e invocando criações culturais, míticas ou subjetivas. São essas as três faces deste objeto com as quais seremos aqui confrontados em nossa leitura. Voz ausente que nos constitui, a qual incorporamos por seu vazio, e em torno do qual podemos criar para dar notícias, singular ou coletivamente, do lugar de onde falamos e somos falados.

Há voz. A voz. a voz. Humanizante. Singularizante. Invocadora da Cultura.

Esse fio atravessa igualmente os escritos que apresentamos nesta edição, nos lembrando que emergimos na Cultura, com voz, no cuidado do Outro frente ao desamparo que nos é comum e ao qual respondemos de modo desejante e singular. E nos lembrando, além disso, da força ética e política da voz, posto que ela invoca a singularidade, a polifonia, a escuta da diferença, o movimento de criação.

Assim, abrimos a seção temática com um potente e poético texto da psicanalista Claire Gillie, "***Le flamenco, les noces de sang entre Réel et Culture***". Nele, a especificidade artística do flamenco andaluz nos aponta não apenas a identidade de um grupo e as marcas em torno das quais ele se organiza, mas também o laço entre real, corpo e cultura que toca cada um de nós enquanto seres falantes. A autora

promove um belo entrelaçamento entre etnomusicologia, antropologia psicanalítica, literatura, filosofia e psicanálise, nos entregando uma reflexão sobre como a voz pode animar o corpo – colocando-o no movimento de um fazer com a perda, com as cicatrizes dessa perda, com o silêncio mais abissal e dilacerante – e a Cultura.

É desse modo que a autora, sustentada pela psicanálise lacaniana, se coloca à escuta do Flamenco e de como a voz nele se inscreve. Voz no limiar entre vida, ritmo, morte, gozo, leis culturais e transgressão destes mesmas leis; entre desejo, ódio, desespero, sofrimento, dança, transe e canto; entre grito, voz rançosa e sopro – cantar até o último sopro e o último passo de dança que dá a ver o que a voz transmite. Na cultura cigana da Andaluzia, o Flamenco, enquanto canto atrelado à dança, estampilha a voz no canto, colocando em cena o que a autora, seguindo a via aberta por Garcia Lorca, localizará como as bodas de sangue entre Real e Cultura. É com as entranhas do corpo que a voz se colocará em cena: voz perdida feita carne, *grito puro* feito *grito para*, canto fundado em *lalias* e no *duende* que une de modo misterioso e inebriante o gozo vocal em sua emissão e em sua escuta. Voz e morte, voz e sacrifício, voz e schofar. Com Claire Gillie, podemos dizer que a pulsão invocante encontra no Flamenco uma terra de asilo para a voz. Algo que em muito nos ensina sobre a *praxis* analítica de escutar os corpos-falantes em seus percursos com o significante.

O corpo está também em destaque nas reflexões da psicanalista Marie Baixas em seu original e interessante “***Essai sur le murmure***”. Um tema inédito, o murmúrio, pelo qual a autora se aventura fazer uma travessia conversando com psicanalistas, músicos e escritores e compartilhando conosco o que descobre. Na interseção entre voz fonada, silêncio e objeto voz, ou, ainda, do corpo com o imaterial ressonante que faz vibrar o humano, o murmúrio seria capaz de transmitir o gozo contido na invocação, numa temporalidade mítica anterior à entrada na linguagem e o passo fundamental de um saber-fazer com a linguagem que se serve do significante. No limite do audível e do articulável, o murmúrio evocaria, ainda, um mais-além da linguagem em si mesma, que aponta para a morte, o silêncio absoluto.

A proposta inovadora de Marie Baixas é pensar o murmúrio como uma expressão material e imaterial da voz sendo capaz de chegar ao *parlêtre* de uma maneira “não convocante”, separada do timbre que singulariza um sujeito específico, se aproximando radicalmente da invocação originária de ex-sister e de advir no campo do Outro. Nesse

sentido, aquele que ouve o murmúrio seria por ele levado à dimensão de *lalangue* e, ao mesmo tempo, pela acentuação das consoantes típica desta expressão vocal, do ritmo que cadencia a possibilidade de existência no mundo. Ritmo que desperta, que faz corte e corpo, que singulariza e convida a tecer com o simbólico. Deste modo, a autora se pergunta sobre os efeitos terapêuticos do murmúrio, colocando em ênfase o aspecto de continuidade-descontinuidade presente no objeto voz. Algo que nos permite pensar não apenas o laço do sujeito para com o Outro, mas igualmente o laço social. Marie Baixas conclui seu ensaio com considerações sobre o silêncio e a suspensão temporal e de movimento inaugurada pela pandemia do novo coronavírus. O que eles nos dão a ouvir, justamente, sobre o laço social?

Uma questão que reverbera após a leitura de “*Essai sur le murmure*” é se essa acentuação das consoantes que o murmúrio coloca em cena, mas no limite do sonoro e do silêncio, não traria igualmente uma acentuação do caráter da voz do pai veiculado pelo objeto voz. E o terceiro artigo de nossa seção temática nos fornece um rico material para avançarmos nesse caminho, sobretudo pela questão musical do ritmo. Algo que encontramos igualmente em nosso primeiro artigo, nas elaborações de Claire Gillie, especificamente sobre a voz e as leis culturais.

Em “**A voz nos desfiladeiros entre a lei e o gozo**”, o psicanalista Maurício Maliska nos propõe uma reflexão profunda, num estilo límpido e elucidativo, sobre a voz enquanto elemento que torna possível a articulação entre lei e gozo, e isso nas diferentes estruturas psíquicas. O autor nos leva a percorrer a prática e os fundamentos teóricos freudianos e lacanianos em torno da voz a partir da questão central da lei, atrelada ao pai e ao Outro. É, assim, pela voz, que o desejo e a lei podem ser transmitidos. Duas expressões da voz são analisadas pelo autor: a voz imperativa no mito bíblico de Abraão para a criação de um novo povo e a voz alucinada que se apresenta a Schreber em seu delírio psicótico. Ao se perguntar sobre as convergências e diferenças da voz nestes dois casos, o autor toca um ponto decisivo para a constituição de cada sujeito. A saber, como a função paterna, seja por sua inscrição ou pelas falhas neste ato, pode dar a ouvir a dimensão performativa da lei através da voz enquanto objeto, a-fônica. E, ainda, seria pela possibilidade – com voz – de se servir do pai que o sujeito é capaz de dar um passo além dele.

A voz, quando atrelada ao pai, garante, ao mesmo tempo, a existência da lei e a possibilidade de advento do sujeito por barrar o gozo contínuo e absoluto – canto da sereia – presentificado na voz materna. Com Maliska e seu belo escrito, poderíamos, então, dizer que é no duo da voz materna com a voz paterna, enquanto funções, que o parlêtre pode falar e cantar por si. Vida e morte se entrelaçam na voz, sendo preciso, para cada um, construir uma harmonia ente gozo, desejo e lei. Seguindo neste caminho, o autor se volta, primeiro, para o canto na ópera e na música sacra e o que eles podem nos indicar do real do corpo em relação ao gozo pela voz regulado pela lei. E, em seguida, à voz do autoritarismo, cuja ênfase no imaginário coloca a voz do pai reduzida ao despotismo e à obediência cega e não à incorporação da lei que vivifica. É neste ponto que a reflexão de Maliska se alia ao *schofar* e ao ritmo, sendo este último fundamental para promover a articulação pulsante, vivificante e em movimento entre lei e gozo.

Abrindo a seção de artigos livres, Iris Danielle de Araújo Santos e Betty Bernardo Fuks, em **Psicanálise e Direito de família: uma interlocução necessária**, trazem uma importante discussão sobre a importância de se pensar a relação entre as leis jurídicas, o sujeito do inconsciente e as questões relativas ao Direito de Família. A proposta das autoras, é de provocar uma discussão sobre a contribuição da psicanálise no que se refere às decisões judiciais e à atenuação do conflito familiar judicializado. A seguir, Yvison Gomes dos Santos, em **Apontamentos sobre os corpo/educandos pelo vértice foucaultiano**, retoma as concepções de Foucault sobre a vigilância, punição e as práticas do cuidado de si, com a perspectiva de analisar a apropriação dessas concepções pelo lógica escolar. O autor entende que o âmbito escolar, ao submeter os copos dos educandos a ações disciplinares, acaba operando no sentido inviabilizar que esses corpos compareçam com suas diferenças e idiossincrasias. Em **Transexualidade: a relação entre o familiar e a estranheza**, Natália Gonçalves Vieira e Vânia Fortes de Oliveira, pensam sobre a relação entre o fenômeno da inquietante estranheza - provocado pelo retorno do que é ao mesmo tempo familiar e estranho para o sujeito -, tal como foi descrito por Freud no texto “O estranho” (1919), e as representações e ou fantasias relacionadas a transexualidade. As autoras interrogam se o transexual não seria uma representação daquilo que é íntimo e familiar para sujeito,

mas que por ter sofrido a ação do recalque, seu retorno provoca a estranheza e, conseqüentemente, a agressividade contra o sujeito transexual.

Em seguida, apresentamos o artigo **Comprar e gozar: uma leitura psicanalítica do consumismo na infância** de autoria de Michaela Carla Laurindo, Aline Vanelli Pelizone e Geovane dos Santos Rocha realizam uma leitura do consumismo infantil a partir da retoma da teoria lacaniana dos discursos, especialmente, do discurso do capitalista e seu apelo pela busca de satisfação sem limites. Prosseguindo, Alexandre Patrício de Almeida nos brinda com o artigo **Empatia na clínica psicanalítica: um enfoque na teoria de Klein e Winnicot**, em que apresenta os conceitos de empatia na psicanálise, destacando sua origem na obra de Melanie Klein e Donald Winnicot, além de apresentar a contribuição de Sandor Ferenczi para o entendimento desse tema. Muito além de apresentar as aproximações e as discordâncias teóricas desses autores em relação ao tema da empatia, o autor destaca sua relevância para a prática clínica com pacientes que, segundo ele, apresentam uma maior fragilidade por conta das demandas e imposições oriundas de um mundo excludente e insensível ao sofrimento do outro. Com o artigo **Diferença e tradução: aportes de Derrida para o trabalho com a escuta**, as autoras Fernanda Albrecht e Mériti de Souza, percorrem a obra de Derrida para destacar seu trabalho com a diferença, traduzida por ele como *différance*. Para as autoras, a *différance*, associada a escuta interroga o desejo, ao mesmo tempo em que suscita a dúvida, provocando um descentramento subjetivo.

Mariana Rodrigues Festucci Grecco e Ivan Ramos Estevão, promovem em **Da forclusão à reconstrução: interlocuções entre Nise da Silveira e a teoria freudo-lacaniana quanto ao manejo clínico das psicoses com vista a estabilização**, uma instigante interlocução entre a práxis de Nise da Silveira no acolhimento institucional das psicoses, e a teorizações de Freud e Lacan. Defendem que Nise da Silveira, embora não seja reconhecida como psicanalista, atuava orientada pela ética psicanalítica, assegurando ao sujeito psicótico a livre expressão. Fechamos a seção de artigos livres com o artigo **A supervisão clínico-institucional de território: o lugar do supervisor** de Sergio Valmario Barboza Costa, um texto que discute a complexidade que envolve a prática da supervisão no campo da saúde mental orientada pela estratégia do território. O autor articula a função do “Mais um”, presente no

dispositivo do cartel, para, a partir dessa lógica, pensar a posição do supervisor na instituição de saúde mental.

Finalizamos esta edição com a resenha **A segregação como produto da constituição subjetiva e o racismo**, em que Joana Souza analisa a obra “A origem dos outros – seis ensaios sobre o racismo e literatura”, de Toni Morrison. A partir da noção de *Outremização*, presente na obra de Morrison, a autora procura destacar a questão da segregação é um fenômeno social tão antigo como a história da própria humanidade. Tecendo uma articulação entre racismo e psicanálise, sublinha que a segregação é um mecanismo psíquico que consiste no recalque, na negação da diferença. Tal negação é utilizada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial, onde o outro, diferente, é identificado como o feio, o desprezível, ao estrangeiro, ao que causa horror.

Esperançosos de que este novo ciclo de nossa revista venha a suscitar contribuições ainda mais fecundas, e lembrando que estamos sempre disponíveis à recepção de novos artigos, os convidamos a ler os importantes trabalhos que compõem o volume 1 da décima nona edição da *Psicanálise e Barroco em revista*.

RECEBIDO EM 10/06/2021

APROVADO EM 15/06/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Departamento de Fundamentos da Educação – UNIRIO/DFE